

Noves fora crivo é arte

Celso Gutfreind

Resenha de Sérgio Telles, *Peregrinação ao Père-Lachaise*, São Paulo, Tao Editora, 2024, 110 p.

134

PERCURSO 71 : dezembro de 2023

É mais ou menos assim que nos foi contado o argumento: Jonas é publicitário. Ele tem veleidades literárias. Luta com e contra elas até tornar-se um escritor. Casa com Berenice, faz filhos, sente-se feliz como se a vida tivesse de cenário a propaganda da margarina. Mas, um dia, ao chegar em casa, descobre que foi traído. Separa de Berenice, casa com Matilde, sexualmente mais solta, mas que não o faz esquecer a velha mágoa. A sua vida afetiva e profissional está um caos e, nesse clima pouco ensolarado, chega a um analista.

A análise faz chover descobertas, com o perdão da redundância, de forma analítica. O analista interpreta em ritmo escorrito, o paciente associa com inteligência e, finalmente, conhece as razões de seus atos tristes e, em especial, da sua infelicidade. Chovem insights: tornou-se escritor porque a mãe, distante afetivamente, era apaixonada pelos livros. Era no fundo uma forma de se aproximar dela. O pai, um comerciante de origem portuguesa, mostrava-se fiel à família, mas também havia um muro pétreo entre eles. A análise

descortina a vida, mostra a morte, agrega o transgeracional *comme il faut*. Jonas escreve textos sobre o pai, a mãe e a família. Associa, desinibe, representa.

Tudo anda nesta narrativa mais ou menos assim como estou contando. E faz sentido, por mais denotativo e monótono que seja. Afinal, quem escreve é Sérgio Telles, conhecido psicanalista, descolado no seu metiê. Deste lado do balcão, seu currículo de escritos clínicos traz legitimidade e verossimilhança a um texto expondo na prática o que é uma teoria neste campo. Telles sabe o que está escrevendo.

Mas, se fosse assim, seria pouco, senão um fracasso, desses que amigos leitores costumam não confessar, embora não seja o meu caso. Sou também escritor, logo leitor. E, igualmente analista, logo tendo a não abrir mão de uma verdade que é tão somente a minha.

Ficássemos no argumento exposto acima e na análise de Jonas, estaríamos diante de mais um bem-sucedido trabalho clínico-teórico, como tantos iguais a ele, no campo metapsicológico contemporâneo, esse que repete e repete e repete. E, traindo um dos próprios carros-chefes da psicanálise que o sustenta, não consegue chegar ao novo. Seria, é claro, linear. Pedagógico. Exemplar. Para ser aprovado como mudança de categoria em algum Instituto de Psicanálise reconhecido, ou como apresentação em algum Congresso oficial.

Felizmente, *Peregrinação ao Père-Lachaise* não é isso. Porque Sérgio Telles também ocupa o outro lado do balcão, como um escritor que assume corajosamente a batuta de um romance para enfrentar a gastura da linguagem. Para isso, compõe uma trama bem urdida que sabe juntar, separar, temperar o tempo e o espaço onde a história se desvela. E constrói personagens nada didáticos. E surpreende. E, principalmente, emociona o pensamento do leitor, fazendo-o encontrar o sentimento.

Já posso, agora, eu mesmo alterar o meu relato. Na cena inicial, Jonas e Matilde estão no cemitério francês, onde visitam o túmulo de Proust, uma das referências dessa obra, senão a principal. Há outras e, em torno de todas elas, rola sempre

Celso Gutfreind é especialista em psiquiatria pela Fundação Universitária Mario Martins e pós-doutor pela Universidade de Paris. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Autor de 46 livros de literatura ficcional, poética e científica, pelos quais recebeu vários prêmios.

uma brincadeira, como propunha Freud para as crianças e os escritores.

E, diante de um psicanalista escritor, como não evocar as aproximações de Freud com a arte, quando inicia mais explicativo de uma para com a outra, como no estudo sobre Leonardo da Vinci? Com o tempo, depõe suas armas analíticas diante da estética e prefere se aprofundar no efeito da arte em nossas emoções, mirando o conhecimento da arte, como fez no estudo sobre o Moisés, de Michelangelo...

De certa forma, a mesma trajetória aparece no livro de Telles, quando os fatos analíticos vão depondo suas armas e o autor prioriza a combinação subjetiva inusitada deles, como propunha Jakobson para a poesia, influenciando poetas e críticos literários como Octavio Paz para garimpar a arte.

A cena do túmulo pode ser a Madeleine revisitada. Jonas e Matilde, afinal, estão lá para estarem em Paris. E estão em Paris para desvendarem o segredo transgeracional da história do avô paterno português que ocultara alguns acontecimentos relacionados a sua vida na França. O segredo é fofego, detalhado, violento, e bem descrito. Mas – dane-se o *spoiler* – o que vale não é o conteúdo disso – a revelação analítica, à la primeira tópica –, e sim a forma sem número, a estrutura montada, o jeito como é revelado, na combinação das frases e suas ações. Por que Moisés coçava a barba? – perguntava Freud, e respondia a partir da obra. Por que Jonas escreve e se movimenta? – pergunta Telles e responde a partir da obra.

E agora todos os conceitos científicos prestam contas à inventividade do autor. À sua imaginação que não é pouca. Uma outra história surge dentro desta e já não sabemos se Jonas é o personagem que narra ou é narrado. E o emocional recebe um plano cultural, histórico, antropológico, com direito a uma reflexão terrivelmente cáustica sobre o Brasil, próxima ao final do livro. Há espelhos para tudo quanto é lado. E surge um novo personagem-autor que conta a seu modo a mesma história para o pai que não é comerciante português. Onde está a cópia? O simulacro?

Aí vem uma nova prosa com imagens surpreendentes. E poemas estranhos. E o lúdico de pelo menos duas histórias que brincam entre si. E, nessa brincadeira, há uma homenagem à própria literatura, com o inventário da criação de um escritor, buscando a própria gênese e as raízes da criatividade, mas não de forma anódina e sim no contexto dos acontecimentos do texto em si, o que inclui um pequeno ensaio. Gêneros diversos se misturam no que chamam novela. Uma verdadeira polifonia.

O que foi metapsicologia torna-se metalinguagem, superior a ela, portanto: “Jonas via os escritores como seres especiais, os únicos capazes de ver a verdade, de perceber as ilusões que envolvem os homens, distorcendo-lhes a visão de si mesmos, dos outros e da realidade, com isso impossibilitando-os de navegar com precisão nas fortes correntezas do amor e do ódio que agitam o caos informe da vida.” (p. 22).

Diante de um frasista de tal monta, o que se anuncia como novela é agora uma diversidade de gêneros, à la Clarice Lispector. Capítulo curto, capítulo longo, guinadas, um jeito pessoal de fazer o literário geral, depurada a angústia das influências, sugeridas ao longo do livro. Como o novo romance francês ou o pós-moderno universal, mas ao estilo de Sérgio Telles.

Agora, sim, a psicanálise começa a fazer sentido, pois o seu sentido inicial dilui-se na continuidade de uma narração bem construída. Já pode ser vários, cada leitor que escolha o seu, o meu é esse.

Aí está, a meu ver, o melhor de uma literatura: na liberdade de construir imagens, na coragem de liberar a trama construída, entre o ir e vir, com a soltura de uma história contada livremente, sem as amarras da vida. Com estilo. Com linguagem. Com chegada à metáfora, incluindo essa de que a análise guarda ainda a serventia de adentrar segredos, liberando espaços psíquicos, o que aprendeu com o melhor da literatura e suas rimas e solturas. A busca ao túmulo de Proust reaparece no final como uma outra metáfora, no sentido de que a parentalidade literária pode soltar-nos da biológica, jurídica e afetiva.

De amarras concretas, basta a vida, agora é preciso voar e mergulhar: “Literatura não era o produto acabado e formal, consubstanciado num texto publicado, e sim a tarefa desumana de transformar o vivenciado, o sentido e o imaginado num escrito, transmutar sangue em palavras, músculos e tendões em páginas escritas, aprisionar o tempo em suas entrelinhas.” (p. 81).

Mas pode estar aí também o melhor de uma psicanálise, quando, passados os seus conceitos e carros-chefes inconscientes ou interpretativos, resta a possibilidade singela e enorme de contar e ressignificar uma história de vida.

Para viver, precisamos contar e recontar uma história que é a nossa, justo esse regresso pessoal e histórico que Freud sugeria no começo de seus trabalhos, antes que, nos seus desdobramentos, saturássemos a simplicidade de suas intenções.

Teoria nenhuma daria conta disso. E olha que houve e há muitas, também nas entrelinhas do começo dessa história, dando-lhe costas largas. Mas, para seguir em frente, com o peito

aberto, precisou encontrar a sua forma única e criativa de contar: “Ao passar pelo crivo de uma sensibilidade criativa, o enigma a que chamamos *vida* nela provoca uma resposta específica, que é a obra de arte.” – sugere a personagem, em ritmo de crítica, mais para o final do livro.

Com a sua estrutura ousadamente pessoal e imagens fortes em cada cena, *Peregrinação ao Père-Lachaise* passa pelo crivo das sensibilidades criativas e provoca infinitas respostas específicas.

Já não é teoria.

Já não é clínica.

É arte.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/1996). O Moisés de Michelangelo. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Gutfreind C. (2019). A arte de tratar – por uma psicanálise estética. Porto Alegre: Artmed.
- Jakobson R. (1975). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Paz O. (1982). *O arco e a lira*. São Paulo: Nova Fronteira.